

ISSN: 1641-4713; e-ISSN: 2081-1160

DOI: <https://doi.org/10.36551/2081-1160.2023.32.103-120>

Padrões de naturalização e estratégias de mobilidade social: representação política entre elites imigrantes no sul brasileiro durante o Segundo Reinado

Naturalization patterns and social mobility strategies: political representation among immigrant elites in southern Brazil during the Second Reign

Patricia Bosenbecker

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-3657-0443>

E-mail: pbosenbecker@gmail.com

Recepción: 28.09.2023

Aprobación: 20.12.2023



Resumo: Este trabalho explora a possível participação política de imigrantes durante o Segundo Reinado, bem como seus possíveis padrões de mobilidade social, na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. A cidade de Rio Grande era, e ainda é, o principal porto do extremo sul brasileiro. Os imigrantes pesquisados foram os alemães e os ingleses, que dominaram o comércio portuário em uma cidade tipicamente luso-brasileira. Como grandes e médios comerciantes, alemães e ingleses, formaram o que consideramos grupos de elites imigrantes. Pensando estratégias de participação política como formas de mobilidade social entre imigrantes, buscamos avaliar neste artigo os possíveis padrões de participação política dos grupos estudados, especialmente os casos de naturalização de estrangeiros que atuavam no grande comércio, e possíveis alterações nos padrões de naturalização com as proximidades da República. Por fim, ressaltamos também seus postos como representantes consulares na região, com marcada ligação entre os agentes consulares e as grandes empresas estabelecidas na cidade.

Palavras-chaves: alemães, ingleses, século XIX, naturalizações, cônsules.

Abstract: This work explores the possible political participation of immigrants during the Second Reign, as well as their possible patterns of social mobility, in the city of Rio Grande, in the extreme south of Rio Grande do Sul. The city of Rio Grande was, and still is, the main port in the extreme south of Brazil. The immigrants studied were the Germans and the English, who dominated port trade in a city with a strong Portuguese presence. As large and medium traders, Germans and English, formed what we consider groups of immigrant elites. We assume that political participation strategies can be considered forms of social mobility among immigrants, and we evaluate in this article the possible patterns of political participation of the groups studied, especially the cases of naturalization of foreigners who worked in large commerce and possible changes in naturalization patterns with the proximity of the Brazilian Republic. Finally, we also highlight their positions as consular representatives in the region, with a marked connection between consular agents and large companies established in the city.

Keywords: Germans, English, 19th century, naturalizations, consuls.

INTRODUÇÃO

Em 1871, o britânico Michael George Mulhall¹ viajou ao Rio Grande do Sul, publicando um importante livro sobre a sua viagem exploratória, denominado *Rio Grande do Sul and its German Colonies*.² Vivendo e viajando por regiões platinas há algum tempo, Mulhall, como muitos britânicos, e, provavelmente, muitos alemães, deixou Buenos Aires para conhecer a cidade do Rio Grande. Ao chegar, ele descreveu o cenário da seguinte maneira:

O Camões entrou no porto hoje de manhã cedo e eu encontrei a cidade numa agitação incomum, devido à inauguração das obras de instalação de gás. Para qualquer lado que se vá encontram-se engenheiros ingleses: uns fazem parte das equipes das obras de água, outros da companhia de gás, alguns da dragagem de Pelotas, outros da iniciativa do governo do aprofundamento da Barra de Rio Grande: e, como uma natural consequência, todo estrangeiro é imediatamente tomado por engenheiro. (Mulhall, 1873: 39, *tradução nossa*)

Entediado com o pouco que a cidade de então dezessete mil habitantes poderia oferecer “a um visitante ocioso”, Mulhall juntou-se às comemorações de inaugurações de obras, passeou pelas ruas, aparentemente irritado de ser tomado por engenheiro, conversou com estrangeiros e brasileiros e procurou o lugar de encontro dos britânicos no coração da cidade, além de visitar os cemitérios locais, o nativo e o inglês, evidente marca da ocupação dos ingleses na região portuária.

¹ Mulhall foi autor, estatístico e economista; além disso, editou o que se tornaria o primeiro jornal britânico ao sul do equador, *o Buenos Aires Standard*, que existiu de 1861 até 1959. Escreveu diversos livros, entre os quais se ressaltam o *The Handbook of the River Plate* (1863), o interessante *The English in South America* (1878) e o livro de referência, com seis reedições, *Dictionary of Statistics* (1883). Ele foi casado com a também exploradora e autora britânica Marion McMurrough.

² A versão em inglês, que trabalhamos aqui, foi publicada em Londres, pela *Longmans, Green and Co* (1873), mais de cem anos depois, em 1974, ganhou uma tradução brasileira em decorrência das festividades do Sesquicentenário da Imigração Alemã. Veja também: Nogueira, 1977 e Torres, 2005.

Embora, em primeiro momento, tente evidenciar que Rio Grande estava tomada por construtores ingleses, Mulhall somente parece se animar quando tratou do papel dos estrangeiros como negociantes na cidade, afinal a cidade era “o principal empório comercial nestas águas” (Mulhall, 1873: 47). Neste ponto, ingleses são seguidos de perto por alemães, com menção ainda aos nacionais.

De caráter urbano, essa migração se diferenciou da imigração dirigida para a colonização do país, que assentou milhares de imigrantes em pequenos lotes de terra, criando a agricultura familiar no sul do Brasil. Evidências de pesquisa anteriores (Bosenbecker, 2017) sugerem que tais grupos apresentavam maior disponibilidade para casamentos com a elite local e certa influência na política local, que embora seja evidente nas pesquisas para cidades como Buenos Aires, ainda não é largamente observada no Brasil do Segundo Reinado. Um esforço comparativo pode ser realizado com o trabalho de Magda Gans (2004), com a pesquisa sobre os alemães, majoritariamente comerciantes, estabelecidos na capital da província, Porto Alegre, no mesmo período, que já evidenciou melhores condições de moradia e até de empregos para este grupo de imigrantes urbanos. No mesmo sentido, como mostrou Sylvia Lenz, que estudou grupos imigrantes alemães de diversas profissões estabelecidos no Rio de Janeiro, a identidade profissional era priorizada em detrimento da regional e, naturalmente, “[i]nteresses econômicos ditavam a sociedade com comerciantes de outras nações e afinidades diversas fomentava uniões consensuais e casamentos mistos com as brasileiras católicas” (Lenz, 2008: 24-25).

A cidade portuária de Rio Grande concentrava as atividades comerciais e as empresas de importação-exportação de vários países (veja, por exemplo, Torres, 2010). Embora o predomínio deste tipo de comércio no país fosse inglês, há no recorte aqui trabalhado uma elevada participação de imigrantes alemães, ou seja, de comerciantes de médio a grande porte originados das cidades hanseáticas ou representantes de empresas lá sediadas. Essa posição, duramente conquistada, envolvia uma nova diretriz política dos governantes da Liga Alemã e das estratégias dos empresários e dos comerciantes das cidades mais importantes, como Hamburgo e Bremen, para firmar relações com o Brasil e aproveitar as oportunidades comerciais com a nação, como mostrou Lenz (2008), que evidenciou a raridade com a qual o comércio alemão é mencionado por historiadores, contudo:

Apesar de ter ficado à sombra do atacadista inglês, do varejista francês e dos secos e molhados dos luso-brasileiros, os negociantes alemães tiveram uma intensa atuação no mercado daqui, dedicaram-se à exportação de açúcar e café, drogas do sertão e matérias-primas, além de outros produtos. (Lenz, 2008: 82)

O quadro que desenhamos aqui é, de maneira singela, um reflexo do grupo de grandes comerciantes do setor de importação-exportação que teve destaque na economia do Rio Grande do Sul em meados do século XIX. Esse setor estava ligado à exportação de derivados da produção agropecuária e à importação de industrializados ou manufaturados que abasteciam a então província. Mulhall (1873: 36-37) mostrou que o porto de Rio Grande à época tinha dois terços de todo o comércio da província e com os produtos que saíam pelo porto de Porto Alegre, eram despachados cerca de um milhão de couros e de trinta a quarenta mil toneladas de carne seca. Cerca de um terço da produção exportada ia para a Inglaterra e um décimo para três países (Alemanha, Holanda e Portugal). Pelo mesmo porto, chegavam as importações, das quais um terço provinha da Inglaterra, um valor próximo de Hamburgo, e o restante dos Estados Unidos, França, Portugal e a região de La Plata.

No início dos anos 1870, Rio Grande vivenciava um conjunto de “modificações urbanas que acompanhavam princípios de modernidade e de expansão de tecnologia [...]” (Torres, 2005: 51). Tais modificações incluíam a iluminação a gás, a distribuição da água, melhorias nos canais de acesso, no cais e na estrutura portuária, em geral, que podia receber navios de até 250 toneladas (Mulhall, 1873: 40). Muitos estrangeiros foram atraídos pelas obras e também pela nova indústria, marcadamente pela inauguração da fábrica têxtil dos Rheingantz, em 1873. Contudo, nessa época, Rio Grande já era uma cidade de estrangeiros, com inúmeros filhos de imigrantes nascidos na cidade, com uma migração consistente de portugueses, espanhóis, alemães, ingleses, franceses e alguns italianos, entre outros grupos. A própria condição portuária legaria um ponto de passagem para inúmeros estrangeiros, majoritariamente marinheiros, artesãos e negociantes.

A expansão comercial portuária para a região começou a se aprimorar na década de 1830, embora se tenha notícia que um dos primeiros navios de Hamburgo aportou no porto sulino em 1818 e de que os ingleses sempre estiveram a frente dos grandes negócios portuários. As informações são oriundas do trabalho do professor alemão Hermann Kellenbenz (1980: 31 e seguintes), em artigo apresentado no 3º Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, em 1974. Kellenbenz mostrou que as relações comerciais entre estados alemães e o Brasil ganharam incremento, a partir de 1830, com a ampliação do grande comércio e da navegação para o sul do país, como parte de estratégica expansão comercial que perpassou tanto os portos mais centrais do país, como Rio de Janeiro e Santos, quanto também Paranaguá e Rio Grande. Foi nos anos 1840 que Rio Grande ganhou destaque entre a navegação comercial alemã, com sua frota conquistando, na década

seguinte, o segundo lugar entre número de navios aportados. O primeiro lugar era da Inglaterra, evidentemente. Foi nessa época que inúmeras casas inglesas e alemãs (aqui estendendo a vários estados de língua alemã) se estabeleceram na região.

São esses grupos imigrantes, ingleses e alemães, atraídos ao porto desde pelo menos 1830-1840, e que durante o segundo reinado já estão ‘bem estabelecidos’ (Bosenbecker, 2017) na região, que chamaremos de elite imigrante. Tal conjuntura é completada pelas suas características estritamente urbana e, não exclusivamente, comercial. Os alemães formam o grupo que Roche (1969) chamou de ‘colônia urbana’, contada senão por centenas, que mantinha diferenças significativas com relação aos alemães das colônias rurais. Assim, estamos distantes da historiografia, por exemplo, das elites alemãs de “vendeiros” sugeridas por Paul Singer (1977) para Porto Alegre, bem como distante, não só pelo período, mas pelas condições de influência política, das elites alemãs industriais de Santa Catarina (veja Hering, 1987). Em parte distante de uma ideia de comunidade estrangeira unida como grupo linguístico ou, dependendo do caso, religioso, como mostrou Sylvia Lenz (2008), mas, em outra parte, próximo da noção de comunidade se considerarmos que há certa fluidez entre grupos de elite imigrante, dos ramos comerciais, como parecem evidenciar as várias firmas que incluem portuguesas e alemãs na região pesquisada.

Se pensarmos em uniões entre elites imigrantes e elites locais, evidente nas relações das elites, o trabalho clássico de Warren Dean (1991) pode contribuir em parte, uma vez que, guardadas as proporções, Dean mostrou as alianças entre as elites fazendeiras ou de origem agrária e a elite industrial de origem imigrante, bem como as condições sociais e econômicas das relações e seu papel na economia nacional. O que efetivamente pode ser observado com casamentos e uniões entre estrangeiros e brasileiras em nossa pesquisa, unindo patrimônios e posições políticas, inclusive na primeira geração migrante.

De forma mais ampla, nosso trabalho procura estudar as diferenças e os mecanismos microssociais da criação do poder dos estrangeiros. Para tanto, nos questionamos sobre quais os padrões de representatividade política apresentados por grupos imigrantes alemães e ingleses na cidade portuária do Rio Grande, no Segundo Reinado. Dessa maneira, o presente artigo apresenta alguns resultados de pesquisa envolvendo possíveis padrões de representatividade e participação política, a partir de dois contrapontos: primeiramente, dos dados sobre naturalização, que abre as portas para os estrangeiros participarem da política e, inclusive, obterem cargos e posições na política local ou regional; e, em segundo lugar, dos dados sobre representação a partir da manutenção da cidadania, notavelmente nos trabalhos executados nos consulados.

OS IMIGRANTES E OS PODERES LOCAIS³

Para que pudéssemos observar melhor os imigrantes na cidade, começamos mapeando os estrangeiros/imigrantes alemães e ingleses na cidade do Rio Grande. Entretanto, longe de nos mantermos em dados estatísticos, buscamos conhecer as comunidades imigrantes, inclusive pesquisando alguns imigrantes nominalmente, seguindo as trajetórias, os possíveis cargos ou o estabelecimento do estrangeiro na região (através do casamento, por exemplo). O intuito inicial era formar um banco de dados com as informações nominais por imigrante, contudo, pelo grande volume de dados a ser transcrito, traduzido e tratado, esse ainda é um longo percurso na pesquisa. Assim, o primeiro passo é estudar as fontes históricas disponíveis e como trabalhar com elas.

A primeira evidência é que não há uma fonte única que possa servir de base para todo o conjunto de recorte temporal, no nosso caso, o reinado de Pedro II, que equivale a boa parte da segunda metade do século XIX, também não há censos ou listas nominativas. Além disso, registros de entradas de imigrantes eram correntemente usados para que o Estado pudesse controlar a entrada de imigrantes que recebiam subsídios ou, dito de outra forma, elites imigrantes raramente constavam em listas de entrada de imigrantes. Evidentemente, se faz necessário cruzar diversas fontes. A primeira fonte consultada e mais longa, em período de cobertura, são os registros católicos. Os livros de batismos, por exemplo, abarcam todo o período, mas é corrente que a maioria dos imigrantes de origem germânica ou inglesa não seja de católicos. Mesmo assim, também é corrente que os imigrantes urbanos e elites tenham um comportamento mais fluído e, se estar nos batismos católicos significava melhorar relações com os outros grupos locais, haverá presença de grandes e médios comerciantes nos livros.

Partindo desses pressupostos nos debruçamos sobre os livros da matriz da cidade. Até o presente momento, foram computados dados dos livros 15 ao 18, com batismos entre 1851 e 1873. Assumindo a arbitrariedade da escolha, podemos ter uma visão geral da circulação de estrangeiros na cidade. Dessa forma, de 1851 a 1873, contamos 466 batizados que possuem sobrenomes estrangeiros ou que tenham origem estrangeira tanto para pais ou mães, excetuando espanhóis e portugueses. Ao analisar os registros percebemos um grande conjunto de imigrantes e avaliamos todos os grupos alemães, ingleses, belgas, dinamarqueses,

³ Uma versão preliminar deste tópico foi apresentada no 12º Seminário Nacional Sociologia & Política, realizado na UFPR, em 2022, e uma versão com resultados finais foi apresentada no 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, na UFPA, em Belém, em 2023.

franceses, holandeses, noruegueses, entre outros. Dos 466 sobrenomes estrangeiros, apenas 398 declaram o país ou local de origem, conforme a Tabela 1, a seguir.

TABELA 1 - BATIZADOS DE FAMÍLIAS DE ORIGEM ESTRANGEIRA EM RIO GRANDE (1851-1873)

Origem do Pai		Origem da mãe	
País de Origem	Registros	País de Origem	Registros
Alemanha	156	Alemanha	80
França	55	França	36
Inglaterra	51	Uruguai	21
Portugal	15	Inglaterra	18
Estados Unidos	12	Irlanda	15
Itália	10	Espanha	8
Suíça	9	Argentina	4
Irlanda	8	Estados Unidos	2
Bélgica	5	Grã-Bretanha	2
Dinamarca	5	Holanda	2
Uruguai	5	SI	2
Áustria	4	Suíça	2
Grã-Bretanha	4	Bélgica	1
Espanha	3	Itália	1
Holanda	2	Brasil	204
SI	2	Total Geral	398
Polônia	1		
Brasil	51		
Total Geral	398		

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos Livros 15-18. Batismos. Matriz de São Pedro do Rio Grande.

Mesmo cientes de que boa parte dos estrangeiros não são católicos, os dados obtidos nos livros batismais podem auxiliar a perceber a movimentação dos estrangeiros na cidade. Aqui tratamos de números de batismos e, como sabemos, o número de filhos por família é grande, temos uma mostra da representatividade de cada grupo migratório. Ao longo do tempo, os pais (homens) alemães são a grande maioria. Depois, se ressaltam ingleses e franceses, seguidos de norteamericanos e italianos. Suíços e irlandeses também aparecem. Os portugueses aqui presentes nesta tabela estão nos dados porque a esposa é integrante dos gru-

pos pesquisados ou porque os portugueses eram cônsules (como veremos a seguir, parte importante da pesquisa ao longo das buscas por dados no projeto). Em poucas vezes, portugueses, uruguaios e brasileiros presentes são filhos de imigrantes dos grupos pesquisados.

Já com relação às mães o cenário se altera, pois brasileiras são a grande maioria, divididas entre: filhas de imigrantes dos grupos pesquisados, sobrenomes de origem estrangeira dos grupos pesquisados, mas sem informações sobre ascendência, e brasileiras casadas com estrangeiros dos grupos pesquisados. Mais da metade das brasileiras nasceu no Rio Grande do Sul. Infelizmente, uma parte de cruzamento de dados nominal é necessária para avançar nas pesquisas. Os dados aqui mostram que a hipótese de uma circulação de grupos migratórios na cidade é verificável. Foi a partir desses dados e da sua correlação com informações da Junta Comercial, que foi possível montar uma listagem de famílias, que permaneceram por longo período na cidade.

Passamos a análise de quais eram os representantes comerciais de grandes empresas internacionais do ramo de exportação e importação de produtos estabelecidos na cidade portuária. Este trabalho possibilitou a construção de um banco de dados geral (mas ainda incompleto), com informações sobre imigrantes alemães e ingleses em geral, tais como local de nascimento, primeiras atividades na cidade, atuação profissional, vínculos familiares. E em acréscimo dados sobre o tipo de negócios, empresas vinculadas, sociedades, encarregados (caixeiros, empregados, etc.), formando um segundo conjunto de dados. Evidentemente, esses dados são fragmentados e expõem uma série de lacunas nas fontes consultadas.

Um terceiro conjunto de dados possibilitou construir uma listagem representativa do status de naturalização versus manutenção de cidadania. Os documentos desse conjunto integram o acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs). O primeiro grupo de documentos são os livros de registros de Cartas de Naturalização, nas quais estrangeiros recebem suas cartas de naturalização como brasileiros, produzidas entre 1879 até 1889, nos códices C-314 ao C-318. Logo após, há os Termos de juramentos dos naturalizados, nos códices C-319 e C-320, que são os juramentos prestados em Porto Alegre (excluindo aqui juramentos prestados em outras localidades).⁴ Os estrangeiros naturalizados brasileiros prestavam juramentos também no interior da província, seja nas Câmaras Municipais, seja perante os Juízes de Paz nos distritos. Cada imigrante procurava a Câmara

⁴ AHRs. Fundo: Imigração, terras e colonização. Cartas de Naturalização. C-314 (1879-1883), C-315 (1884-1886), C-316 (1883-1887), C-317 (1887-1889), C-318 (1888-1889), e Termos de Juramento de Estrangeiros Naturalizados. C-319 (1871-1885) e C-320 (1885-1889).

Municipal da localidade onde residia para começar o processo de naturalização ou prestar o juramento e receber sua carta.

Os livros referentes às Cartas apresentam uma série de problemas, uma vez que nem todos estão paginados e os números de páginas não conferem com o número de cartas. Isso ocorre devido ao fato de que nos dias nos quais muitas cartas foram outorgadas ou muitos imigrantes receberam cartas em uma mesma Câmara, era registrada uma carta padrão – isto é, preenchido os espaços em papel timbrado, com nome, naturalidade e local de residência/câmara municipal de origem do processo -, seguida pela listagem daqueles que no mesmo dia e local também receberam as cartas. Esta listagem era iniciada com o título “Igual teor” e não havia limites, pois tanto pode ser igual teor para um estrangeiro naturalizado quanto para vinte.⁵ Notamos ainda, que no tópico “igual teor” nem sempre os estrangeiros naturalizados são da mesma naturalidade, por vezes nem da mesma cidade. Assim sendo, a leitura detalhada é necessária para entender as fontes.

O segundo grupo de documentos são os registros consulares, da coleção *Consulados e Legações*, do mesmo arquivo, que ganharam relevância ao longo da pesquisa, especialmente quando foi possível comprovar que as naturalizações entre os grupos pesquisados eram muito baixas, enquanto os cargos em representações consulares tinham maior expressão. Embora bastante fragmentada, a coleção mantém um acervo importante com documentos trocados entre o governo da província do Rio Grande do Sul e os cônsules matriculados dos mais diversos consulados.

Os dados reunidos nessa etapa da pesquisa possibilitaram cumprir os objetivos centrais, estabelecidos *a priori*, a saber: primeiro, avaliar os casos de naturalização entre estrangeiros que atuaram como comerciantes no mercado de exportação e importação da cidade portuária de Rio Grande; segundo, observar possíveis transformações em padrões de naturalização ou de manutenção de naturalidade (cidadania) no final do Império, no âmbito do advento da República ou crescimento dos ideais republicanos (décadas de 1870 e 1880), uma vez que os casos de naturalização aumentaram no período final do Império, e, por fim, avaliar as suas condições de representatividade política ou situações de mediações entre migrantes e Estado brasileiro. Alguns desses resultados, podem ser apresentados.

⁵ Talvez por este motivo, os números totais de cartas expedidas sejam difíceis de precisar. Somei cerca de 1700 cartas aproximadamente, excetuando o C-318, que não tem numeração. Comparando com os relatórios da presidência da província, é possível determinar que entre 1885 e 1889 foram expedidas 1202 cartas, das quais mais da metade (646) eram para alemães, majoritariamente colonos. As naturalizações podiam ser requeridas por diferentes leis, tais como o Decreto n. 1950, de 1871, ou pela legislação de Terras, que garantia naturalização para os colonos.

Entre os livros de registros de Cartas de Naturalização está o C-314, de 1881-1883, no qual não há nenhum pedido de naturalização na Câmara Municipal de Rio Grande. Neste livro, a naturalidade do estrangeiro não está identificada, apenas sendo possível uma atribuição por sobrenome de origem alemã ou portuguesa, por exemplo. Há apenas seis estrangeiros que requisitaram naturalização na cidade vizinha de Pelotas (sendo identificados por sobrenomes: dois alemães, um inglês, dois portugueses e um não identificado). A mesma situação é encontrada no livro C-315, de 1884-1886, no qual apenas um estrangeiro de sobrenome português foi naturalizado em Rio Grande. Dessa forma, atribuindo naturalidade dos estrangeiros a partir do sobrenome, foi possível identificar especialmente alemães e portugueses buscando naturalização na metade sul do Rio Grande do Sul, nas regiões da campanha e do litoral sul, onde há forte presença de colonização alemã. De um total de 76 naturalizações no sul do Rio Grande do Sul contidas nos livros C-314 e C-315, estrangeiros com sobrenomes alemães foram 29 e portugueses, 30. Destas, 63 ocorreram em Pelotas e mais 10 ocorreram no Boqueirão, distrito que se emancipou politicamente de Pelotas, em 1884.⁶

Os próximos livros, do C-316 ao C-318, contêm informações sobre a nacionalidade de origem dos estrangeiros. No primeiro livro, C-316 (1883-1887), aparecem apenas quatro alemães e três ingleses requerentes de naturalização em Rio Grande. Embora as requisições em Rio Grande apresentem o maior número total, os números de requerentes alemães ou ingleses são muito baixos, pelo menos o que foi registrado nesses livros, ao passo que as regiões de colonização do sul do Rio Grande do Sul, centralizadas em Pelotas, mostram aumento nas naturalizações, como pode ser visto na Tabela 2, a seguir.

De todos os municípios listados na Tabela 2, Pelotas possuía uma substancial área de colonização alemã, seguida pelos imigrantes italianos e ainda uma colônia de franceses. O então município de Conceição do Boqueirão era o 4º distrito de Pelotas quando de sua emancipação política, ficando com praticamente toda a imensa colônia alemã de São Lourenço em seu território. Também na região de Pelotas, ainda em 1850, foi realizada uma fracassada tentativa de colonização com irlandeses, o que pode justificar em parte a ocorrência desse grupo imigrante nos dados aqui avaliados. Majoritariamente, os requerentes são comerciantes, inclusive na área colonial, a diferença é que entre os alemães boa parte dos requerentes tem relação com essas colônias, tanto porque são moradores delas

⁶ Alguns anos mais tarde, o município de Conceição do Boqueirão passaria a se chamar São Lourenço, por isso chamamos aqui de Boqueirão/S. Lourenço.

ou porque eram das famílias estabelecidas nas colônias. Os ingleses, por sua vez, sempre se concentraram em Rio Grande.

TABELA 2 - CARTAS DE NATURALIZAÇÃO NA REGIÃO SUL DO RS (1883-1889)⁷

Município	Total Geral
Rio Grande	134
Pelotas	78
Boqueirão/S. Lourenço	38
S. José do Norte	11
Jaguarão	7
Bagé	4
Canguçu	4
S. Gabriel	3
Camaquã	3
Uruguaiana	3
Santa Victoria do Palmar	2
S. Borja	1
Mostardas	1
Arroio Grande	1
Piratini	1
Total Geral	291

Fonte: AHRS. Imigração, terras e colonização. Cartas de Naturalizações. (C-316, C-317 e C-318).

Entre os municípios com maior número de pedidos de naturalização, como vimos Rio Grande, Pelotas e Boqueirão/S. Lourenço, aparecem isoladamente em primeiro lugar entre requerentes os portugueses, logo depois aparecem os alemães, como pode ser acompanhado na Tabela 3, que mostra os requerentes de naturalização nas principais cidades de ocorrência. Portugueses são a esmagadora maioria de requerentes em Rio Grande, que concentra os poucos pedidos oriundos de ingleses. Os grupos alemães oriundos da colonização da região estão concentrados no Boqueirão e em Pelotas. Outros números de destaque, embora menor em comparação, são uruguaios, italianos e espanhóis.

⁷ A tabela aqui apresentada tem como objetivo explicitar condições da imigração na região sul, entendida como as mesorregiões Sudoeste e Sudeste do Rio Grande do Sul. Contudo, troquei as cidades do vale do Rio Pardo, no Sudeste, como Encruzilhada do Sul, pela microrregião de Camaquã, que integra a mesorregião Metropolitana.

TABELA 3 – CARTAS DE NATURALIZAÇÃO (1883-1889)

Nacionalidade de origem	Localidade				
	Boqueirão/ S. Lourenço	Pelotas	Rio Grande	S. José do Norte	Total Geral
português	3	37	88	6	134
alemão	28	13	9	1	51
oriental (uruguaio)	1	4	12	1	18
italiano	6	6	3		15
espanhol		6	6	2	14
inglês			5		5
francês		3	1		4
irlandês		1			1
Total Geral	38	70	125	10	242

Fonte: AHRS. Cartas de Naturalizações. C-316, C-317 e C-318.

REPRESENTANTES CONSULARES E AS CONJUNTURAS DO EXTREMO SUL BRASILEIRO

É em outro tipo de participação política que os estrangeiros aqui estudados se destacam: as representações diplomáticas e, a partir dessa, em primeiro momento, se destacam a intermediação de conflitos entre os súditos de países estrangeiros e as autoridades locais. Entretanto, uma análise mais detalhada, unindo os dados anteriores da pesquisa, evidencia que os representantes consulares também garantiam os interesses econômicos das grandes empresas comerciais que os representantes defendiam. Para aprofundar essa parte da pesquisa, exploramos outro tipo de fonte, que parece fazer sentido em uma cidade com tantos imigrantes e negócios estrangeiros: as cartas e documentos dos cônsules trocadas com o governo provincial e os registros e informações dos cônsules que atuaram em Rio Grande.⁸

Como se trata de região portuária significativa no Rio Grande do Sul, muitas vezes os representantes consulares intermediavam conflitos entre marítimos e as embarcações e as autoridades policiais e alfandegárias, atuando ainda como tutores em caso de falecimento de algum súdito e encaminhando interesses dos parentes de imigrantes falecidos na região. Entre os exemplos estão quatro

⁸ Confira entre outros documentos: *Matrícula dos cônsules e vice-cônsules*. AHRS. Fundo: Consulados e Legações. CN -27, cx. 14.

documentos trocados entre o vice-cônsul da Baviera, Francisco Dias Moreira, em Porto Alegre, entre 1842 e 1845, sobre o inventário de Frederico Engerer. Outro documento do consulado do Império Austro-húngaro, assinado pelo então agente consular Edmundo Telscher, mais tarde cônsul efetivo, já na cidade de Porto Alegre, na qual pede passagens e recursos para a transferência de um casal de súditos que ficou cego na província e desejava voltar a sua pátria.⁹

Outro ponto de interesse dos representantes consulares era a imigração para o Rio Grande do Sul. Contudo, apesar do considerável número de migrantes que chegavam anualmente, o assunto não chegou a ser a principal discussão trazida pelos cônsules. Em alguns exemplos encontrados estão a declaração do cônsul da Bélgica, em Rio Grande, em 1855, na qual P. Sinclair pediu auxílios ao governo provincial para onze colonos belgas chegados no porto e que não tinha destinação, nem condições de transporte. Nessa década, 1850, por várias vezes representantes consulares buscavam explicações sobre como era a colonização pretendida pelo governo local, o que nos remete aos pedidos que deveriam chegar aos escritórios consulares. Em 1858, foi a vez do cônsul da Dinamarca, o banqueiro alemão F. E. Krannichfeld, pedir ao governo esclarecimentos sobre subsídios, como seriam os transportes ou qual era a qualidade de terras que receberiam os colonos que a província dizia querer receber. No mesmo sentido, G. F. Metzler, comerciante de Bremem e vice-cônsul de Bremem e Hamburgo, algum tempo antes, em 1857, também relatou suas preocupações ao governo provincial, uma vez que eram informações correntes na Europa que o governo brasileiro não honrava os subsídios prometidos aos colonos, além de notícias de maus-tratos contra os colonos, o que já havia ocasionado a suspensão da emigração ao Brasil. No mesmo documento, perguntava ao presidente da província qual era a expectativa do governo para o número de imigrantes que poderiam sair de Hamburgo.¹⁰

A contribuição mais significativa talvez seja a preocupação dos representantes consulares com as questões portuárias. Entre tais preocupações estão as “dicas” para melhorar o comércio e o trabalho na zona portuária, não sem entrar em conflito com os trabalhadores responsáveis por essas áreas. O primeiro movi-

⁹ AHRS. Consulados e Legações. CN-4, cx. 2. Consulado da Áustria-Hungria, Correspondência do agente consular Edmundo Telscher, de 15 out. 1879; Consulado da Baviera, Correspondência do vice-cônsul Francisco Dias Moreira, de 17 jun. 1845.

¹⁰ AHRS. Consulados e Legações. Consulado da Bélgica. CN-4, cx. 2. Correspondência do cônsul da Bélgica, P. Sinclair, em 05 jul. 1855. O pedido foi atendido pelo governo da província, mas não informa para onde os colonos belgas foram remetidos. Consulado de Hamburgo e Bremem. CN-12, cx. 6. Correspondência do vice-cônsul, Jorge Frederico Metzler, em jun. 1857.; Consulado da Dinamarca. CN-5, cx. 3. Correspondência do Cônsul, em 07 mai. 1858.

mento nesse sentido é do consulado britânico, que sempre manteve a frente nessas preocupações. Em março de 1850, o então vice-cônsul britânico em Rio Grande, Guilherme Frederico Wigg, nomeado há apenas dois meses para o cargo, enviou uma correspondência, classificada como confidencial, para o cônsul em Porto Alegre, John Morgan, tratando do contrabando presente nos navios que vinham de Montevidéu para Rio Grande. A carta foi posteriormente enviada ao governo provincial, sem informações sobre procedimentos oficiais sobre o caso. Wigg foi proprietário de uma casa comercial de importação e exportação de produtos sediada em Rio Grande na década de 1860.¹¹

Os problemas no porto uniram os representantes consulares, que em 1855 produziram um documento conjunto, em forma de abaixo-assinado, com sugestões para melhorar a administração da praticagem na barra do porto, no intuito de melhorar o comércio estrangeiro. A carta estava assinada por 17 representações diplomáticas, tais como Grã-Bretanha, Estados Unidos, regiões alemãs e italianas, bem como de países latino americanos, como Argentina, Uruguai e Chile, e tinha 13 proposições, entre as quais: a contratação de mais práticos; a existência de iates ou pequenas embarcações para socorrer navios em perigo; a possibilidade de que tanto brasileiros quanto estrangeiros pudessem se candidatar a posição de prático; a instalação de mais boias e manutenção do canal; o estabelecimento de uma tabela de sinais que deveria ser seguida por todos os práticos, entre outros. Além disso, pedia para que as representações diplomáticas fossem avisadas caso um navio que estivesse em perigo ao entrar no porto. Por fim, requeria que os empregados fossem pessoas idôneas e que falassem além da língua nacional, inglês ou francês e, mais importante, no seu item nono, que “os empregados da Administração da Praticagem não tenham direito nenhum sobre quaisquer das pertencas de um navio perdido, devendo os mesmos achando-as, entrega-las logo e sem remuneração às autoridades competentes, incorrendo na pena de perda do emprego”.¹²

As acusações e provocações entre autoridades portuárias e os representantes diplomáticos provocaram tensões e causavam retaliações entre empregados portuários e estrangeiros. As reclamações sobre as taxas ou multas desproporcionais, ou fora da norma local eram correntes, causando até prisão ou

¹¹ AHRS. Consulados e Legações. Consulado da Grã-Bretanha. CN-10, ex. 5. Correspondência do vice-cônsul em Rio Grande para o cônsul em Porto Alegre, em 21 mar. 1850, veja também: AHRS. Junta Comercial. Rio Grande. JC 21. Tomo 6º Registro Público do Comércio.

¹² AHRS. Consulados e Legações. Consulado da Grã-Bretanha. CN-10, ex. 5. Correspondência dos cônsules e agentes consulares residentes na cidade do Rio Grande sobre praticagem na barra do porto, 15 mar. 1855. Na citação, mantivemos a grafia original do documento.

impedimentos de desembarque. Em alguns documentos, constam informações de que os oficiais do porto se recusavam a receber um ou outro representante consular, o que causava novas reclamações ao governo provincial. Talvez o pior momento dessa relação tenha ocorrido com o naufrágio do navio de bandeira britânica *Prince of Wales*, na costa do Albardão, em 1861. Além de ninguém em Rio Grande ser avisado do acidente, o cônsul britânico, que foi até o local onde os destroços foram encontrados, alegava que a carga havia sido saqueada pelos habitantes da região e que a própria autoridade policial participou do saque, com omissão de socorro aos passageiros, que pela análise ainda estariam vivos ao chegar à praia.¹³ Esse incidente daria início a *Questão Christie*, famoso impasse e disputa diplomática entre Brasil e Grã-Bretanha.

Como já evidenciou Torres (2010: 174), embora ao analisar o período da primeira república, “fazer parte do segmento diplomático era uma grande honra e uma vinculação com os seus países de origem”. Contudo, para o período do Segundo Reinado, destacamos dois pontos, observados na pesquisa, primeiro que imigrantes e pessoas nascidas no país podiam ocupar cargos de cônsul, vice-cônsul ou encarregado do consulado indistintamente, ou seja, não era um pré-requisito ser cidadão do país que se representava; e, em segundo lugar, que alguns indivíduos ocupavam mais de um cargo de representação diplomática por vez, o que mostra que ocupar tais cargos era também um aporte distintivo entre elites imigrantes.

Alguns representantes consulares chegaram a ocupar mais de um posto consular, de diferentes países. Um dos exemplos mais interessantes é de Antônio da Silva Ferreira Tigre, cidadão português, que foi vice-cônsul de Portugal, mas ocupou interinamente, também como vice-cônsul, o consulado da Itália. Da mesma forma, grandes comerciantes brasileiros também ocuparam postos nas representações estrangeiras, como Antônio Martins de Freitas Junior, Miguel Tito de Sá (que viria a ser sogro de Carlos Guilherme Rheingantz, fundador da Rheingantz & Cia.), Zeferino Alves de Azambuja e ainda Eufrásio Lopes de Araújo (que viria a ser sogro do importante comerciante inglês Georg W. Lawson). Esses cidadãos brasileiros, que já ocupavam vários cargos nas instituições brasileiras, representaram Hamburgo, Lübeck, Espanha e o Grão Ducado do Hesse, respectivamente. Aqui, fica evidente que o interesse comercial estava interconectado com a representação consular.

¹³ Veja entre outros: AHRs. Consulados e Legações. Consulado da Grã-Bretanha. CN-10, cx. 5. Tradução de correspondência do cônsul britânico na cidade do Rio Grande, Dr. Henrique Prendergast Vereker, em 20 jun. 1861.

Como a unificação alemã ocorreu apenas em 1871, durante boa parte do período aqui estudado, uma série de pequenos estados germânicos ou cidades livres tinham representações diplomáticas em Rio Grande e também em Porto Alegre. Em Rio Grande, possuíam representação na cidade: Baviera, Hesse, Prússia e as cidades livres de Bremem, Hamburgo e Lübeck. Por outro lado, havia alemães como representantes consulares de países como Rússia, caso de Hermann Bojunga, da Suécia, representada por Hermann Meyer, e da própria Dinamarca, que teve F. E. Krannichfeldt no posto até seu falecimento em 1869. Alguns ficaram pouco tempo nos cargos, mas outros chegaram a ficar duas décadas no posto consular.

Da mesma forma, embora existisse certa rotatividade nos cargos, as representações consulares, além de cônsul e vice-cônsul, possuíam agentes consulares e encarregados, bem como gerentes e secretários. Assim, existia grande circulação de pessoas e uma complexa hierarquia. Tais posições exigiam algum tipo de capital, seja ele social, político ou financeiro, uma vez que alguns cargos exigiam que o ocupante da vaga garantisse certas posses para “representar” o consulado, que, em geral, era no próprio escritório comercial do candidato a cônsul ou vice-cônsul. Como a maioria dos representantes aqui é formada por grandes comerciantes, preocupações comerciais estavam evidentemente aliadas às nações representadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se insere nos estudos migratórios e nas pesquisas de história social das migrações. Aborda, por um lado, aspectos clássicos das teorias migratórias, especialmente, tratando daqueles oriundos dos conceitos de assimilação ou de formas adaptativas de integração de imigrantes nas sociedades de destino. Por outro lado, tratando de estudos de elites imigrantes, procura analisar grupos de elites imigrantes e sua conjuntura de inserção na sociedade de destino, tendo em vista as possíveis relações, interações e padrões de participação política nas sociedades locais.

A migração de elites imigrantes possui aspectos distintos, pois os membros desses grupos, em geral, foram proprietários de um grande ou médio comércio de importação e exportação de produtos e, principalmente, adotaram práticas comuns entre os grandes comerciantes, tais como: a reconversão católica ou o batismo dos filhos na religião oficial brasileira, compraram escravizados para trabalharem no referido comércio, mantiveram um bom relacionamento com outros comerciantes,

grandes ou não, estrangeiros ou locais, e interagiram em uma rede de relações formada tanto por locais quanto por estrangeiros, que possibilitaria o acesso a outros grupos, como integrantes da elite local e políticos, por exemplo, que, por sua vez, poderiam garantir boas oportunidades aos contatos no interior da rede.

Como hipótese, acreditamos primeiramente que as elites imigrantes não almejavam a naturalização como forma de participar da vida política local. É sabido que muitos filhos desses imigrantes, nascidos no Brasil, possuíam participação política, atuando em partidos e obtendo cargos eletivos. Os dados pesquisados evidenciaram que entre as elites comerciais migrantes alemãs e inglesas estabelecidas na cidade durante o período pesquisado não há números significativos de naturalizações, sendo que apenas poucos indivíduos buscaram a naturalização, sem grandes acréscimos nos números de pedidos no período final do Império. Mesmo que já tivéssemos como hipótese tal resultado, especialmente porque no final do Império muitos negócios já haviam passado para os descendentes, os números são muito mais baixos do que projetamos inicialmente.

Apesar deste trabalho ainda conter material para ser processado e analisado, é possível apresentar algumas evidências sobre a condição dos alemães e ingleses em Rio Grande. Com posições privilegiadas de elites econômicas urbanas imigrantes, seu principal papel poderia estar refletido nas posições e influências políticas das mesmas, bem como nos seus padrões de mediação com o restante dos imigrantes encontrados na região. Sua posição de mediação, como cônsules, por exemplo, é inegavelmente importante, garantindo espaços entre o poder político brasileiro, mesmo que regionalmente. Mas alianças com elites locais, os baixos índices de naturalização entre a primeira geração de alemães e ingleses, o padrão de retorno desses imigrantes aos seus países de origem e os cargos como representantes diplomáticos parecem evidenciar que este grupo exercia suas atividades políticas mais voltados ao seu próprio grupo comercial, mantendo relações políticas substanciais com os representantes políticos e elites da província. A sua configuração como rede migratória e seus desmembramentos na região ainda carecem de maiores investigações.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho apresenta resultados de projeto de pós-doutorado desenvolvido no Departamento de Sociologia/UFRGS, entre 2021-2022, com bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

- Bosenbecker, P. (2017). *Três gerações de empreendedorismo: capital e laços sociais entre Brasil e Alemanha a partir do estudo de caso da família Rheingantz*. [Tese, Doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul] Repositório digital UFRGS.
- Dean, W. (1991). *A industrialização de São Paulo (1880-1945)* (4th ed.). Bertrand Brasil.
- Gans, M. R. (2004). *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Editora UFRGS/ANPUH-RS.
- Hering, M. L. R. (1987). *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento*. Editora da FURB.
- Kellenbenz, H. (1980). Moradores alemães do Brasil meridional na primeira metade do século XIX. *Anais do III Colóquio de Estudos teuto-brasileiros*. Editora da UFRGS.
- Lenz, S. E. (2008). *Alemães no Rio de Janeiro*. Diplomacia e negócios, profissões e ócio (1808-1866). EDUSC.
- Mulhall, M. G. (1873). *Rio Grande do Sul and its German Colonies*. London: Longmans, Green and Co.
- Mullhall, M. G. (1974). *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*. (Moreira, E. S., trans.) Bels.
- Nogueira, A. R. (1977). Mulhal, Michael George - O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (19), 97-98. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i19p97-98.
- Roche, J. (1969). *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Editora Globo.
- Singer, P. (1977). *Desenvolvimento econômico e evolução urbana* (2nd ed.). Cia. Editora Nacional.
- Torres, L. H. (2010). O perfil do comércio de exportação e importação na cidade do Rio Grande em 1911. *Biblos*, 1(1), 163-175.
- Torres, L. H. (2005). Michael Mulhall e a cidade do Rio Grande em 1871. *Biblos*, (17), 49-61.